

"... Eu acho que ele é gay. Isso é uma bichona. Ele é viado!": uma análise da inclusão LGBTQIA+ no curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado do Pará

GTE 18 - Gênero, sexualidade e interseccionalidades e/em Educação Musical

Comunicação

Bruno Felipe Sousa Miranda
UEPA
bruno.miranda@aluno.uepa.br

Tainá Façanha
UEPA/UFPA
taina.facanha@uepa.br

Resumo: Este artigo teve objetivo principal analisar o movimento LGBTQIA+ no curso de licenciatura em música da Universidade do Estado do Pará. Especificamente, discutir de que maneira este assunto é incluído no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música da UEPA a partir da percepção dos e das discentes (egressos e atuais) - dos campi de Vigia, Santarém, Marabá e Belém - e desvelar suas perspectivas em relação à questão LGBTQIA+ na UEPA. A pesquisa teve caráter quantitativo, apresentando dados sistematizados em gráficos, coletados via Google Forms e reflexões analítico-descritivas dos resultados obtidos. Como resultados, é possível constatar que poucas disciplinas transversalizam temas relacionados à questão LGBTQIA+, mas que a grande maioria dos egressos e docentes do curso se sentem preparados para lidar com tais questões. O que nos leva a refletir que este preparo não se dá durante a graduação, mas em outros níveis e espaços de formação. Assim como, a partir da percepção de grande parte dos colaboradores há situações LGBTQIA+fóbicas no curso, ora de forma velada ora em forma de preconceito “recreativo”, parafraseando Adilson Moreira, meio pelo qual a sociedade tem perpetuado racismos e exclusões na estrutura social.

Palavras-chave: LGBTQIA+. LGBTQIA+fobia. Educação Musical. Formação de Professores de Música. UEPA.

Introdução

Na sala, um aluno disse que era LGBTQIA+ e que era cristão, o professor automaticamente fez uma piada sobre “rasgou a Bíblia”. (COLABORADOR C – GRUPO 2, 2021)

Frases como as que intitulam este trabalho e como a epigrafe desta introdução são recorrentes na sociedade brasileira, evidenciá-las aqui é um meio de escrachar a forma como, direta ou indiretamente, pessoas LGBTQIA+ sofrem preconceito. Mais chocante ainda é quando isso ocorre no espaço universitário em um curso de formação de professores de

música, contexto no qual essa pesquisa fez seu lócus de investigação. O interesse pelo tema Música, resistência e representatividade dos LGBTQIA+ no curso de Licenciatura em Música da UEPA surgiu mediante à tomada de consciência do primeiro autor deste texto quanto às reivindicações dos movimentos sociais e às lutas antirracistas e anticoloniais necessárias e urgentes que proclamam mais equidade e respeito à diversidade na construção de uma sociedade mais democrática. Nesse direcionamento, o problema desta pesquisa consistiu em: *Como se dá a questão LGBTQIA+ no curso de licenciatura em música da Universidade do Estado do Pará?*

Este artigo teve como objetivo geral analisar a inclusão LGBTQIA+ no curso de licenciatura em música da Universidade do Estado do Pará. A pesquisa teve caráter quantitativo, apresentando dados sistematizados em gráficos, coletados via *Google Forms*, e reflexões analítico-descritivas dos resultados obtidos. A técnica para a coleta de dados se deu por questionários via plataformas digitais *Google Forms* devido a pandemia do COVID-19 enviados para colaboradores de diferentes campi. É importante ressaltar que todas as pessoas que colaboraram com suas vivências e percepções foram mantidas como anônimas para preservação de suas identidades e para evitar possíveis constrangimentos. A pesquisa se deu por meio de revisão bibliográfica e análise de sites, revistas, artigos, livros que versavam sobre a temática, visando discutir o tema a partir de diferentes suportes de publicações.

2. Movimento LGBTQIA+ e Educação Musical

LGBTQIA+ é a sigla utilizada como identificação do movimento político e social que tem como principal objetivo reivindicar por direitos e por inclusão de pessoas com diversas orientações sexuais e identidades de gênero. Com diversas alterações, até recentemente, atualmente LGBTQIA+ é utilizada pela comunidade para referir-se a (L) lésbicas, (G) gays, (B) bissexuais, (T) transgêneros, transexuais, travestis, (Q) queer, (I) intersexo, (A) assexuais e (+) pansexual e outrem que não se encaixam nas “categorias” anteriores. Feitosa (2017) cita que a legitimação surgiu “após um processo de discussão na I conferência de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais sob o tema “Direitos humanos e políticas públicas: o caminho para garantir a cidadania GLBT”, em 2008, membros do governo e da sociedade civil aprovaram a referida sigla” (FEITOSA, 2017, p. 21). A autora aponta que desde então “uma série de produções teóricas, organizações e ativistas têm problematizado o formato da sigla,

as hierarquias contidas nela, a correlação de forças entre as identidades contempladas e as ausências de outros sujeitos ainda não evocados por ela como a população intersexual. (FEITOSA, 2017, p. 21)

Afirma Butler (2010, p. 26) que a “ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados de gênero, descritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo estes corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável”. Nesse sentido, a forma que a ideia de corpos foi constituída traz determinações binárias impostas por uma perspectiva de sexo e gênero propõem. Ou seja, o famoso discurso do “menino veste azul e menina veste rosa¹” resume bem esses determinismos excludentes e preconceituosos.

A realidade de pessoas LGBTQIA+ dentro de ambientes escolares como, ensino fundamental e médio torna-se de diferente e turbulenta por conta de toda homofobia dentro mesmo da própria sala de aula que diversas vezes reflete no desempenho social de discentes ali presentes (MISORELLI, 2019). O site Politize! em 2018 aponta que LGBTQIA+fobia é a terceira maior causa de Bullying e que segundo uma pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil, realizada em 2016, 73% dos estudantes LGBTQIA+ já relataram algum tipo de agressão verbal e 36% relataram agressões físicas. Dos estudantes que sofreram agressão verbal, 58,9% relataram já terem faltado aulas pelo menos uma vez por mês devido a intolerância acerca de suas sexualidades. Essas questões impactam diretamente o desempenho e a permanência desses estudantes na escola, comprometendo – dentre muitas – a sua formação escolar.

O som humanamente organizado (BLACKING, 1964) tem sido objeto de estudo por distintos campos do conhecimento e o percurso seu estudo resulta na compressão da música em suas dimensões complexas a partir de como cada sociedade compreende esta música. Dentre esses muitos campos de estudos, a Educação Musical vem trilhando longos caminhos percorrendo sobre processos de ensino e aprendizagem, mas que ainda hoje precisa de um significativo e profundo avanço para inclusão de saberes musicais fora do cânone eurocentrado e de pessoas em suas pluralidades. As demandas antirracistas e anticoloniais que tem tomando representatividade na contemporaneidade, precisam ser urgentemente pautas da Educação Musical Brasileira.

¹ Proferido pela Ministra da mulher Damares no ano de 2019. Ver em <https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>

O currículo de um educador musical, é composto por inúmeras disciplinas construídas no decorrer da criação do curso, mas devemos analisar a frequência que estes currículos estão de acordo as necessidades da sociedade e se preparam os discentes para o exercício da docência para que sejam aptos para lidar com a diversidade sociocultural nos contextos de ensino. Louro (2015) ressalta que

quem cursa licenciatura em Música frequenta algumas disciplinas que oferecem um corpo teórico sobre pedagogia e psicologia da aprendizagem, mas essas disciplinas focam, geralmente, o ensino musical para crianças que não apresentam problemas de aprendizagem, transtornos ou deficiências. Dificilmente os cursos de licenciatura em Música promovem embasamento teórico e prático profundo para o ensino da Música para pessoas com condições diferenciadas de aprendizagem, tais como pessoas da terceira idade ou adultos, pessoas com deficiências graves, menores infratores, dependentes químicos ou demais. (LOURO, 2015, p. 40)

O intuito deste artigo justamente é questionar até onde a inclusão está sendo posta em prática na universidade, não com que o tema em foco não esteja sendo tratado em algumas atividades acadêmicas, mas como contribuição para a busca de que a atividade de inclusão dessas pessoas continue em processo. Louro (2015) acredita que a inclusão “está nos induzindo a repensar o modelo de sociedade, de educação e de convivência e propondo, embora ainda como algo embrionário, um mundo que respeite e aceite as pessoas como elas são e que questione os padrões estipulados como certos ou melhores”. (LOURO, 2015, p. 47)

Uma educação musical mais ampla e que contemple a pluralidade de pessoas, circunstâncias e situações é necessário visualizar a universidade primordialmente de forma panorâmica para que se enxergue as múltiplas diferenças presentes ali, fugindo do padrão enraizado presente na pessoa hétero, cis gênero, branca, e com boas condições financeiras. Como diz Queiroz (2015) acredito em

uma educação musical intercultural, que conceba a formação em música como pilar fundamental para a formação humana. Uma formação pautada no pluralismo de ideias e práticas educativas, que contemple as diferenças na promoção da igualdade e que promova e fortaleça a diversidade dos humanos e de suas formas de ser, estar e se expressar no mundo. (QUEIROZ, 2015, 198)

3. Perspectivas de estudantes e egressos do curso de Licenciatura Plena em Música da UEPA sobre a inclusão do movimento LGBTQIA+ na UEPA

Foram elaborados dois formulários para realizar o levantamento de dados, um destinado aos egressos/desistentes/discentes do curso de Licenciatura Plena em Música da

UEPA e um destinado aos docentes do mesmo curso que estão atuando apenas no magistério e/ou na gestão da universidade. Foram enviados para colaboradores que atuam em quatro campi que tem oferta do curso de música, são estes: Vigia de Nazaré, Santarém, Marabá e Belém. Aqui, serão apresentados os resultados do Formulário 01

Os formulários foram divididos em 7 partes: Seção 1) dados pessoais, que mesmo não sendo obrigatório optamos por adicionar; Seção 2) informações de identificação como: campus estudou/atuou ou estuda/atua, cargo dentro da instituição², informações de autoidentificação como: gênero ao qual se identifica, o contato com o movimento LGBTQIA+ e, por último, se define como LGBTQIA+ ou não; Seção 3) torna-se um divisor de informações, pois por intermédio da última pergunta realizada na seção 2 os colaboradores foram direcionados para duas seções diferentes, sendo uma voltada ao público LGBTQIA+ e a outra às pessoas heterossexuais e cis.

Na seção 3 para pessoas LGBTQIA+ foram vistas as vivências destas pessoas, analisando alternadas relações de preconceitos, falta de inclusão, situações de incômodo para como estes contatos com a LGBTQIA+fobia, sendo de forma velada ou não. Ainda dentro da seção 3 existem perguntas voltadas à diversidade sociocultural de pessoas dentro do currículo do curso de música e, também, questionado se existem disciplinas dentro do currículo do curso que contemplem tais assuntos. A penúltima pergunta da seção 3 traz como questionamento se profissional formado ou formando se sente apto para lidar como docente com a temática da diversidade cultura, em especial os LGBTQIA+, e ao finalizar esta seção foi apresentada a nossa proposta de compartilhamento de vivências, questionando se os contribuintes desejariam ou não relatar situações, onde seria direcionado para a seção 4 na qual havia um espaço para descrever a situação. Por fim, se aceitavam que essas vivências fossem adicionadas aos resultados desta pesquisa. Houve um convite para futuramente formar um grupo de debate destas questões, sendo gerado uma lista de contatos para realização desta roda posteriormente.

O formulário direcionado às pessoas heterossexuais teve seu prosseguimento basicamente da mesma maneira do anterior, a diferença foram as adaptações para pessoas não-LGBTQIA+ responderem com base no que visualizam no dia a dia da universidade

² Adicionando, inicialmente, abordando o conteúdo do artigo como forma de introduzir questões básicas voltadas ao movimento LGBTQIA+ e sua inserção dentro da academia.

objetivando compreender se as percepções de pessoas heterossexuais e cis são semelhantes ou diferentes das pessoas LGBTQIA+. Afinal, a compreensão de direitos relacionados à diversidade e a empatia com a causa são fundamentais para assegurar direitos e diminuir índices de bullying e agressões.

Outro ponto necessário foi a introdução de perguntas básicas para questionar se contribuintes do formulário obtinham o conhecimento do que significa a sigla LGBTQIA+, a diferença é que no formulário dos docentes foram adicionadas alternativas que variam, mas que tem o mesmo significado, optando a perceber qual a normalização do movimento ali dentro da universidade e, por este motivo, introduzir duas alternativas que tem praticamente o mesmo sentido mas que ainda sim puderam representar sentidos diferente.

As alternativas são respectivamente: **que sabem pouco** sobre a sigla e o movimento, **mas mesmo assim apoiam**, e em seguida a outra alternativa respondendo que apenas **sabem pouco** sobre o assunto. Analisando de uma perspectiva de que tudo que nos foi fornecido em formato de resposta segue sendo de forma positiva ou não, foi muito instigante descrever e analisar estas questões que serão detalhadas com gráficos e exemplificações.

No **primeiro formulário**, obtivemos o quantitativo de 49 colaboradores, dos quais **67,3%** pessoas de 18 à 25 anos, **14,3%** pessoas entre 26 à 30 anos, **10,2%** pessoas entre 31 à 35 anos, **2%** pessoa entre 41 à 45 anos, **2%** pessoas entre 46 anos ou mais e **4,1%** pessoas que optaram por não responder. As pessoas que responderam o formulário 01: **4,1%** são discentes de Marabá; **28,6%** do campus de Santarém, **34,7%** do campus de Belém, **30,6%** do campus de Vigia e **2%** de vários campi.

A respeito de sua situação enquanto sua situação na universidade, **73,5%** responderam que são discentes em formação, **29,4%** como profissionais já formados pela universidade, **2%** como discente desistente, **2%** como docente de música e **2%** como professor substituto.

O público que mais colaborou com este formulário foi o de discentes que estão cursando a licenciatura atualmente, a grande maioria é de jovens de 18 a 25 anos e houve pouquíssima participação de discentes do campus de Marabá. Essa pouca participação pode ser devido ao curso ser novo. Ou ponto que não há como não mencionar foi a reação de alguns discentes em grupos de WhatsApp da turma de um determinado campus quando solicitados a colaborar com a pesquisa. Comentários do tipo “Bixo. Digo nada. o Brasil me surpreende todo dia” como se falar sobre inclusão de pessoas na universidade fosse um absurdo ou então

satirizando o uso da linguagem não-binária. Ou insinuações lançadas aos colegas com emojis rindo e figuras ridicularizando homossexuais.

Figura 01 – Conversa de Whatsapp e o preconceito velado.



Fonte: acervo do autor

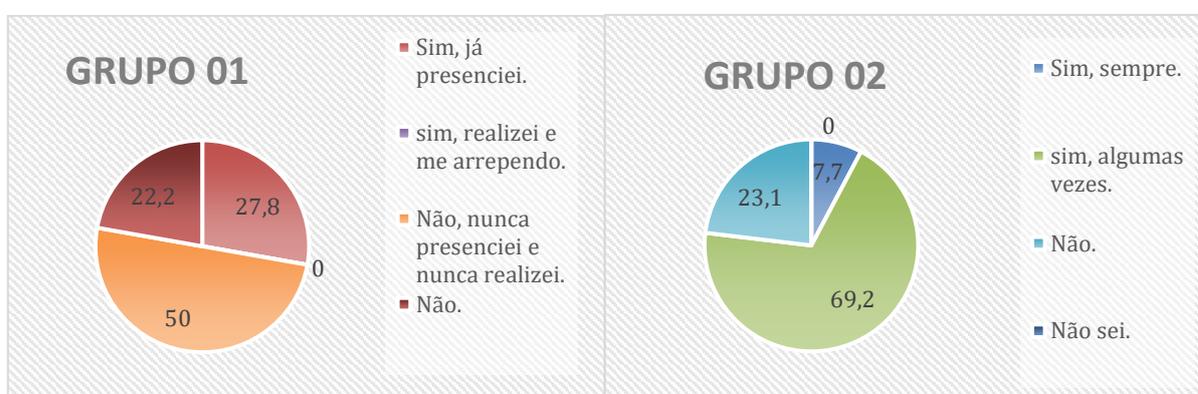
Sobre a ciência do significado da sigla LGBTQIA+ partindo de uma análise de todos os colaboradores, **71,4%** das pessoas responderam que “sim, sabem o que significa”, **8,2%** das pessoas relataram que “não sabem o significado, mas já ouviram falar”, já **8,2%** das pessoas afirmaram “saber pouco, mas apoiam o movimento” e **12,2%** responderam que “sabem pouco”. Esse último dado nos levou a questionar o motivo destas pessoas que responderam que sabem pouco não optarem pela mesma resposta que veio anteriormente com as mesmas informações porém com um trecho a mais afirmando apoiar o movimento.

Já sobre o gênero das pessoas que responderam o formulário, **49,9%** mulheres cis, **38,8%** homens cis, **8,2%** das pessoas optaram por não responder - o que mais chamou atenção nessa pergunta foi o fato da disponibilização para digitar seu gênero caso o mesmo não estivesse dentre as alternativas - e um total de **8%** das pessoas confundiram gênero como sexualidade, respondendo que são “heterossexuais, mulher hetero e gay” o que chamou bastante atenção pela ausência de conhecimentos básicos e distinção de orientação sexual e

identidade de gênero visto que, no comando da questão estava a explicação do significado da palavra “cisgênero”.

Outro fator importante é que **75,3%** (GRUPO 01) dos contribuintes do formulário não são LGBTQIA+ e os outros **26,6%** (GRUPO 02) fazem parte da comunidade. Quando os discentes foram questionados a respeito de presenciarem/vivenciarem situações LGBTQAI+fóbicas no curso as respostas do **grupo 01** e do **grupo 02** foram, respectivamente, as seguintes:

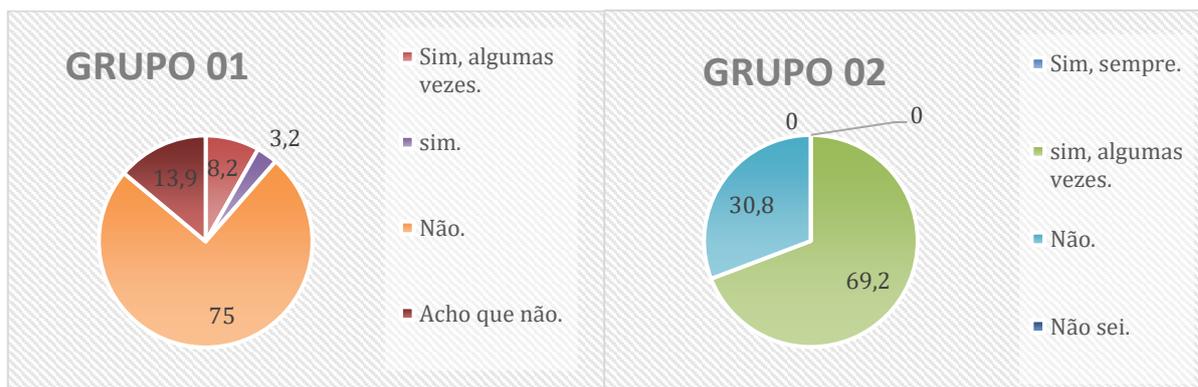
Figura 02 – Gráficos sobre presenciarem/vivenciarem situações LGBTQAI+fóbicas.



Fonte: elaborado pelo autor.

Comparando os dois grupos há um desacordo a respeito de presenciar situações LGBTQAI+fóbicas na universidade, visto que enquanto no **grupo 1** 72,2% não presenciou e nem cometeu, já no **grupo 2** 76,9% presenciou ou já passou por situações de LGBTQIA+ fobia. O que nos leva a refletir acerca do porquê ocorre essa diferença de percepção das realidades. Já sobre presenciar estas situações em relações aos docentes e gestão em geral, pode-se analisar as respostas do **grupo 1** e **grupo 2** respectivamente nos gráficos abaixo:

Figura 03 – Gráficos sobre presenciar estas situações em relações aos docentes e gestão LGBTQAI+fóbicas.



Fonte: elaborado pelo autor.

Os gráficos demonstram que 75% dos discentes do **grupo 1** não presenciaram situações LGBTQIA+fóbicas, porém no **grupo 2** 69,2% dos discentes já foram vítimas de LGBTQIA+fobia o que nos leva a analisar novamente a contradição entre as percepções destes dois grupos.

Em contrapartida aos gráficos apresentados do **grupo 2** ao relatarmos que passam situações LGBTQIA+fóbicas tanto relacionadas à gestão em geral, quanto dos docentes, fomos em busca da visão de pessoas heterossexuais/cis para realizarmos uma análise de como estas pessoas estão enxergando o preconceito dentro da UEPA.

As respostas do grupo 1 foram, ao serem questionados de como essas situações de preconceito ocorrem ou ocorriam dentro da instituição, respectivamente 80,6% afirmaram não ter presenciado tais situações, enquanto 19,4% dos colaboradores afirmam ter presenciado de forma explícita e/ou de forma velada. Este 19,4%, compartilharam algumas situações como piadas infelizes, acontecer com amigos. Alguns colaboradores lembraram momentos de seus cursos de nível médio, não surpreendendo que uma realidade de preconceito é presenciada desde o ensino médio e também, em outra colaboração, é ressaltado como estas situações LGBTQIA+fóbicas são mais comuns do que deveriam:

Infelizmente isso é mais comum que deveria ser, já presenciei falas em "tom de brincadeira", piadas ou chacota por conta de orientação sexual de alguém. Mas, quem presencia percebe que no fundo há uma motivação preconceituosa por trás da ação. (COLABORADOR B – GRUPO 01, 2021)

Outra resposta nos chamou bastante atenção devido aos comentários muito nocivos que são proferidos:

O que é mais notório em situações como essas são frases como "eu acho que ele é gay, isso é uma bichona, ele é viado". Todas essas e outras frases são constituídas a partir do jeito de uma pessoa. Homem não pode sentar e cruzar as pernas porque todos os outros já ficam olhando e fazendo comentários que acabam sendo constrangedores. Eu sei disso porque já passei e ainda passo por situações como essa. Eu adoro sentar e cruzar as pernas, é a posição mais confortável que tem ao sentar. Por conta do meu jeito (gesticular com as mãos, fala fina, etc) já fui taxado como gay e, acredite, são comentários que machucam, pois são colocados de forma bem pejorativa. A partir disso, eu me ponho no lugar de pessoas que realmente são e tem que lidar com piadinhas e comentários sem graça em várias situações da vida, inclusive dentro da universidade. Sim, já presenciei cenas como estas na universidade, mais precisamente no curso de música, mas eu não considero isso como LGBTQIA+fobia e sim como "brincadeiras" e tentativas de ser engraçado. Apesar de não ser LGBTQIA+fobia, é algo preponderante para desencadeá-la. (COLABORADOR C – GRUPO 01, 2021)

Através destes dados optamos por fazer um paralelo à realidade do **grupo 2** quando questionados se já sofreram diretamente com a LGBTQIA+fobia por discentes ou docentes dentro da instituição, afirmando com 69,3% respondendo que sim. Como podemos verificar no gráfico abaixo, onde 46,2% responderam “sim” e 23,1% responderam “sim, diversas vezes” somando um total de 69,3% dos colaboradores do **grupo 2** afirmando terem se deparado com situações LGBTQIA+fóbicas. Houve relatos de um estudante que viu um professor fazendo piadinhas sobre pessoas LGBTQIA+ e uma estudante que, em determinado momento, na sala de aula ouviu de uma docente “tem que se arrumar como mulher.” (COLABORADORA A – GRUPO 02, 2021). Outras falas que nos chamaram atenção foram:

Eu presenciei um colega de turma incomodado com os jeitos de outros homens gays por serem afeminados demais, dizendo que não tinha necessidade e que era extremamente irritante. Que tinha outros amigos gays e que não eram assim, que todo gay deveria ser assim, no caso menos afeminado. Eu fiquei bastante desconfortável, até porque esse mesmo colega já tinha dado outros depoimentos, não só homofóbicos, mas também racistas. (COLABORADOR B – GRUPO 2, 2021)

Na sala um aluno disse que era LGBTQIA+ e que era cristão, o professor automaticamente fez uma piada sobre “rasgou a Bíblia”. (COLABORADOR C – GRUPO 2, 2021)

Os relatos acima podem confirmar os dados expostos pelo Site Politize e pela autora Misorelli (2019) quando expõem dados de agressões sofridas por pessoas LGBTQIA+ em ambientes de ensino. Assim como, o exposto por Queiroz (2015; 2017) quando observa a educação que, nesse caso contextos de educação musical, ainda perpetuam preconceitos, invisibilizações e silenciamentos.

Colaboradores do grupo 1 e grupo 2 foram questionados se existem disciplinas direcionadas às diversidades socioculturais dos discentes no currículo do curso de licenciatura em música da UEPA e se dentro do curso, algumas disciplinas já discutiram/discutem temáticas voltadas ao movimento LGBTQIA+, e somando os dois grupos, aproximadamente 70% das respostas foram que não existem disciplinas que discutam/discutiram durante sua permanência na universidade, algumas pessoas também expuseram que não existem disciplinas direcionadas a esta temática.

Os outros 30% foram divididos com 15% das pessoas disseram que sim existem disciplinas e que a temática foi discutida em sala de aula, porém, não afirmaram quais disciplinas, 5% relataram que não sabem se existe ou não, e os outros 10% são compostos por pessoas com pensamentos distintos, umas por relatarem que não existem disciplinas, mas que

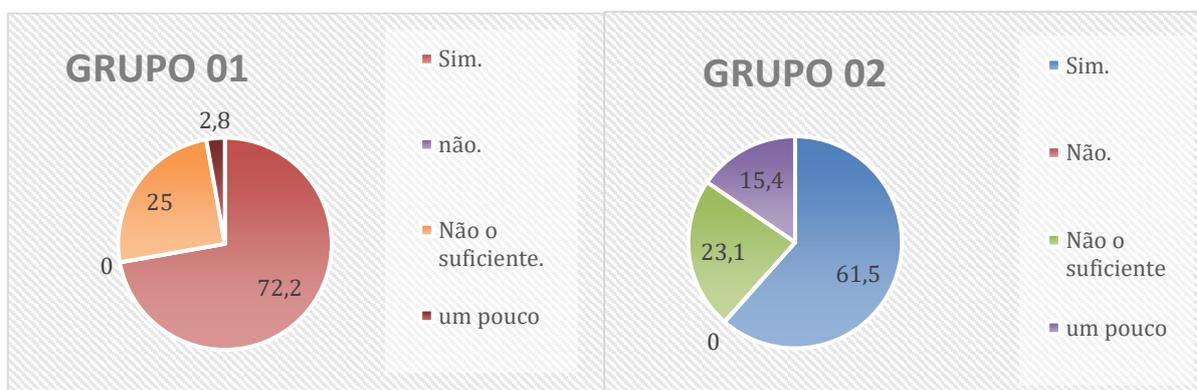
deveriam existir, outras relataram que a disciplina “arte, cultura e sociedade” contempla o assunto e uma pessoa afirmou com as seguintes palavras:

Não. E não há necessidade de tais disciplinas no meu modo de ver. O currículo acadêmico poderia ser acrescido de mais conteúdos que reforcem a formação DOCENTE, pois esse é o objetivo do curso, formar professores que ensinem música. Orientação sexual é algo pessoal que deve sim, ser respeitado, porém não deve ser motivo pra mudanças no currículo acadêmico. (COLABORADOR E - GRUPO 01, 2021)

É importante ressaltar que a pergunta respondida pelo último colaborador citado levanta o termo diversidade sociocultural em seu comando, na qual não está somente ligada a diversidade de orientação sexual ou identidade de gênero.

No formulário também questionamos se os discentes em geral se sentem aptos para lidar com as diversidades socioculturais de pessoas ao exercer a profissão docente, como base nisso o **grupo 1** respondeu que 72,2% se sente aptos, 25% relataram que não se sentem aptos o suficiente e 2,8% afirmaram que se sentem um pouco preparados. Já no **grupo 2**, 61,5% se sentem aptos, 23,1 não se sentem aptos o suficiente e 15,4 se sentem um pouco aptos. como demonstrado nos gráficos a seguir:

Figura 04 – Gráficos aptos para lidar com as diversidades socioculturais de pessoas ao exercer a profissão docente.



Fonte: elaborado pelo autor.

Outra pergunta respondida no formulário, foi: na turma que os discentes do **grupo 1** estudam/estudaram, existem pessoas LGBTQIA+ e 58,3% responderam que sim, 19,4 responderam que acham que sim, 19,4% responderam que não sabem e 2,8% afirmaram que não.

Sobre o significado de LGBTfobia novamente a maioria o **grupo 1** 89,9% afirmam que conheciam o significa, 8,3% responderam que acham que sabem e 2,8% que não sabem como exemplificado abaixo:

Ao finalizar o formulário os colaboradores dos grupos 1 e 2 tinham a opção de relatar suas experiências respondidas nos questionários em formato de texto ou nos repassando seus emails para mais interações caso desejassem, e através destas seções finais a fim de adquirir dados para a construção desta pesquisa, muitos relatos tornam-se de grande validação para compreensão desta inquietação.

Considerações finais

Foi possível perceber que a problemática inicialmente percebida por mim se estende em grande escala, âmbitos, campi e situações no curso de Licenciatura em Música da UEPA. Afetando e causando incômodo em pessoas LGBTQIA+, pesquisas voltadas às diversidades socioculturais podem ser um grande suporte para a busca por equidade dentro do âmbito educacional em geral e como relatado na epígrafe acima é urgente que esse tema seja debatido. As colaborações serviram como base para que o trabalho atingisse seu foco, não só por apresentar situações de LGBTQIA+fobia relatadas por pessoas LGBTQIA+, mas também por ampliar perspectivas ao apresentar os formulários à todos e todas ligados ao curso de música da UEPA e à área da Música, em especial à Educação Musica, afim de compreendermos como situações semelhantes voltadas ao preconceito estão sendo visualizadas e vivenciadas por pessoas diferentes.

Como uma ação mínima de ter buscado mediar espaço para as diversas vozes que vivem esse cenário de preconceitos, traumas, mas, principalmente, visões tanto positivas, quanto negativas ao movimento LGBTQIA+. Chamou bastante atenção a percepção e sensibilidade de pessoas que, mesmo não fazendo parte do movimento, percebiam pessoas LGBTQIA+ sofrendo com essas situações e relataram o incômodo/constrangimento dentro da universidade. Dando assim, suporte para a resistência deste trabalho enquanto ponto de partida para maiores estudos e pesquisas dentro da UEPA e na área da Educação Musical, dando forças às pessoas LGBTQIA+ e que se veem dentro deste grupo de pessoas que por anos

não puderam ter seu espaço respeitado, mas que atualmente vêm se reerguendo gradualmente.

Ter conhecimento com alternadas diversidade socioculturais torna-se necessidade para a formação de futuros docentes, a partir do momento em que questionamos quais serão seus reflexos futuros ao se depararem com pessoas de outras realidades socioculturais, nesse contexto o reflexo que deve ser predominante dentro desses âmbitos é a busca pelo conhecimento, a oportunidade de inclusão e respeito pelo que não pode ser mudado.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm >

FEITOSA, Cleyton. Políticas públicas LGBT e construção democrática no Brasil – 1 Ed.-Curitiba: Appris, 2017. (1)

LGBTfobia no Brasil: fatos, números e polêmicas. POLITIZE!, 2018. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/lgbtfobia-brasil-fatos-numeros-polemicas/> >. Acesso em: 20/03/2021

Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm >

LOURO, Viviane. Educação musical inclusiva: desafios e reflexões. Revista Música e Educação – série diálogos com o som. Editora da universidade do estado de Minas Gerais, Barbacena, 2015.

MAIA, Matheus; GUZZO, Lucas. LGBT e universidade: conheça histórias, ações e pesquisas da UFU. Portal comunica UFU, 2019. Disponível em: <<http://www.comunica.ufu.br/noticia/2019/06/lgbt-e-universidade-conheca-historia-acoes-e-pesquisas-da-ufu> >. Acesso em: 20/03/2021.

MELLO, Luiz; AVELLAR, Rezende Bruno de; MAROJA, Daniela. Por onde andam as políticas públicas para a população LGBT no Brasil. Revista sociedade e estado - volume 27 Número 2, 2012.

MOREIRA, Edilson. *Racismo recretivo*. São Paulo: pólen, 2019.

MISORELLI, Giuliana Vasco de Paula. História LGBTQ+: um desafio pedagógico contra a intolerância. Laboratório de ensino e material didático, 2019. Disponível em: <<http://lemad.fflch.usp.br/node/5799> >. Acesso em: 17/03/2021

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Educação musical é cultura: nuances para interpretar e (re)pensar a práxis educativo-musical no século XXI. Universidade Federal da Paraíba, Debates UNIRIO, Barbacena, 2017.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Formação intercultural em música: perspectivas para uma pedagogia do conflito e erradicação de epistemicídio musicais. Revista do programa de pós-graduação em educação, Campo Grande, 2017.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Há diversidade(s) em música: reflexões para uma educação musical intercultural do estado de Minas Gerais. Revista Música e Educação – série diálogos com o som. Editora da universidade do estado de Minas Gerais, Barbacena, 2015.

